

## O SOM NO PLURIVERSO: “ESCUTANDO” ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES DO SUL GLOBAL

*THE SOUND IN THE PLURIVERSE: A “LISTENING” INTO GLOBAL  
SOUTH THEORY INTERDISCIPLINARY APPROACHES*

*EL SONIDO EN EL PLURIVERSO: UMA “ESCUCHA” DE LOS ENFOQUES  
INTERDISCIPLINARIOS DE LA TEORÍAS DEL SUR GLOBAL*

*Original recebido em: 10 de setembro de 2025  
Aceito para publicação em: 26 de fevereiro de 2026  
Publicado em: 09 de abril de 2026*

Beatriz Medeiros  
*Universidad Mayor, Santiago, Chile*

Luiz Ribeiro Fonseca  
*Loughborough University London, Londres, Reino Unido*

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

### RESUMO

O artigo toma como ponto de partida os eventos formativos do Centro Interdisciplinar de Estudos do Sul Global (ICGSS, na sigla em inglês), da Universidade de Tübingen, na Alemanha, para refletir sobre uma lacuna de estudos de “som e de sul” (Steingo; Sykes, 2019, p. 1) em um currículo supostamente inter/transdisciplinar. Em princípio, a introdução situa o leitor nessa ausência epistemológica e no que ela implica, argumentando que tal lacuna reproduz uma monocultura sensorial que limita o potencial decolonial do centro. A partir disso, o trabalho se divide em três partes: (1) reflexão sobre os eventos formativos do ICGSS entre 2015 e 2023 com base em arquivos online; (2) análise *in situ* da escola de verão de 2023 (na qual participamos como alunos e nos aprofundamos no conceito de *pluriverso*); (3) resgate bibliográfico narrativo sobre o potencial das sonoridades para uma compreensão *do sul, no sul e para o sul*. Tanto na introdução quanto na conclusão, deixamos claro que não buscamos elencar hierarquias ou calcificar dicotomias. O trabalho almeja, na verdade, convidar leitores e pesquisadores a não apenas verem os pluriversos, mas escutá-los.

**Palavras-chave:** Estudos sonoros; Estudos do sul global; Pluriverso; Estudo de caso; Crítica acadêmica.

### ABSTRACT

The article takes as its starting point the formative events of the Interdisciplinary Centre for Global South Studies (ICGSS) at the University of Tübingen in Germany to reflect on a gap in studies of “sound and the South” (Steingo; Sykes, 2019, p. 1) in a supposedly inter/transdisciplinary curriculum. Initially, the introduction situates the reader within this epistemological absence and its implications. From there, the work is divided into three parts:

(1) a reflection on the ICGSS formative events between 2015 and 2023 based on online archives; (2) an *in situ* analysis of the 2023 summer school in which we participated as students and deepened our understanding of the concept of the pluriverse; (3) a narrative bibliographic review of the potential of sounds for an understanding of the south, *in* the south, and *for* the south. Both in the introduction and in the conclusion, we make it clear that we do not seek to list hierarchies or calcify dichotomies. The work is intended, in fact, to invite readers and researchers not only to see pluriverses but to listen to them.

**Keywords:** Sound studies; Global south studies; Pluriverse; Case study; Academic critique.

## RESUMEN

El artículo toma como punto de partida los acontecimientos formativos del Centro Interdisciplinario de Estudios del Sur Global (ICGSS, por sus siglas en inglés) de la Universidad de Tubinga, en Alemania, para reflexionar sobre una laguna en los estudios sobre «el sonido y el sur» (Steingo; Sykes, 2019, p. 1) en un plan de estudios supuestamente inter/transdisciplinario. En principio, la introducción sitúa al lector en esta ausencia epistemológica y en lo que ella implica. A partir de esto, el trabajo se divide en tres partes: (1) una reflexión sobre los eventos formativos del ICGSS entre 2015 y 2023 basada en archivos en línea; (2) un análisis *in situ* de la escuela de verano de 2023 en la que participamos como estudiantes y profundizamos en el concepto de pluriverso; (3) rescate bibliográfico narrativo sobre el potencial de las sonoridades para una comprensión *del* sur, *en* el sur y para *el* sur. Tanto en la introducción como en la conclusión, dejamos claro que no buscamos establecer jerarquías ni calcificar dicotomías. El trabajo se destina, en realidad, a invitar a lectores e investigadores a no solo ver pluriversos, sino a escucharlos.

**Palabras clave:** Estudios sobre el sonido; Estudios sobre el sur global; Pluriverso; Estudio de caso; Crítica académica.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tensiona a maneira com que os estudos de som são percebidos e incluídos no que convencionou-se chamar de *estudos do sul global*. Para isso, apresentamos uma análise crítica tendo como ponto de partida os eventos acadêmicos organizados pelo Centro Interdisciplinar de Estudos do Sul Global (ICGSS) da Universidade de Tübingen, na Alemanha.

O ICGSS é um dos primeiros grupos interdisciplinares de pesquisa e desenvolvimento acadêmico situados na Europa, reunindo pesquisadores interessados em explorar questões científicas relacionadas ao sul global. Atualmente, o centro conta com uma rede que alcança os cinco continentes e abrange, também, projetos em parceria com instituições na África do Sul, Austrália, Brasil, Índia, México e Senegal. Ele se tornou uma referência especialmente para jovens pesquisadores dessas localidades que desejam se especializar na área. Desde 2015, a instituição vem produzindo conferências acadêmicas e o que chamamos de *eventos formativos*, isto é, encontros cujo objetivo principal é proporcionar uma formação acadêmica

complementar para jovens pesquisadores e acadêmicos. Isso envolve palestras, colóquios, workshops/oficinas e escolas de verão com professores e pesquisadores seniores.

Entre 2015 e 2023 – período que abrange a análise documental que realizamos para este artigo –, o ICGSS ofereceu trinta e dois eventos formativos (entre escolas de verão e palestras) e promoveu outros vinte e nove eventos acadêmicos (incluindo conferências, fóruns internacionais e simpósios). Diferentemente dos eventos acadêmicos habituais, como congressos e seminários onde há uma seleção por pares de trabalhos, os eventos formativos do ICGSS são organizados por meio de convites. Isso significa que professores e pesquisadores realizam apresentações e conduzem oficinas e mesas redondas a convite do corpo organizador desses eventos — ou seja, por membros integrantes do ICGSS. As solicitações dependem do tema do evento, do tópico e da pesquisa que os organizadores acreditam que serão do interesse dos estudantes e jovens pesquisadores, e da afinidade dos organizadores com uma área específica de investigação.

Em julho de 2023, tivemos a oportunidade de participar de um evento formativo: a escola de verão “*North-South Encounters*” – *Towards Pluriversal Thinking: Creating Inter-Knowledges – Negotiating Proximities*. Durante esse período, participamos de oficinas e palestras ministradas por professores e pesquisadores da América Latina, África e Europa, onde fomos introduzidos ao pensamento pluriversal (Demaria et al., 2019; Escobar, 2018) enquanto uma intersecção metodológica e epistemológica voltada à dinâmicas globais nas artes, na academia, na política, nas questões de gênero e na mídia. Em tese, nós participamos do evento para ampliar nosso conhecimento nas áreas de estudos do sul global e estudos sonoros, aprofundando nosso aprendizado nos debates teóricos do campo.

Entretanto, quando se trata de estudos sonoros em eventos formativos do ICGSS, sentimos que existe uma evidente lacuna. Isso se torna mais aparente quando os eventos acadêmicos gerais promovidos pelo centro, como conferências e congressos, não apresentam tantos trabalhos nesse campo. Desse modo, o artigo apresenta uma análise *in situ* do evento aliada a uma reflexão sobre a programação dos eventos formativos já realizados pela instituição. Na segunda parte, fazemos uma revisão das categorias que envolvem o pluriverso e os estudos no som no sul global, reiterando a importância desses eixos. Objetivamos, assim, refletir sobre as razões pelas quais essa área específica foi deixada de lado e demonstrar que esse não vem a ser um problema específico de uma escola de verão, mas sim da própria estrutura do ICGSS – e talvez da academia ocidental como um todo.

Nossa hipótese é que essa exclusão não é acidental, ainda que não seja deliberada, mas uma consequência do que Syed Farid Alatas (2003) define como imperialismo acadêmico. Essa dinâmica preconiza que as instituições acadêmicas do norte, seguindo a lógica do “imperialismo político e econômico” (p. 600), funcionam como fábricas de teoria, impondo agendas de pesquisa e formatos de legibilidade que disciplinam o que é estudado ou entendido como relevante no sul – criando, assim, uma “dependência acadêmica”. Ou seja, ao negligenciar o som, o ICGSS não apenas corre o risco de deixar de *ouvir* o sul, mas segue a imposição de um regime de atenção que torna inaudíveis formas de resistência política e social que não operam pela lógica da escrita ou da imagem.

Utilizando a crítica de Jonathan Sterne à “litania audiovisual” (2003, p. 9), não buscamos hierarquizar o som como um sentido moralmente superior à visão, mas demonstrar como a hegemonia visual na academia atua como uma ferramenta de controle epistemológico. Através da análise de arquivos e da observação/escuta participante na escola de verão de 2023, defendemos que a verdadeira interdisciplinaridade exige uma abertura para as epistemologias sônicas – saberes que vibram, ressoam e, em alguns casos, incomodam (Trotta, 2020).

Tal reflexão se torna crucial quando pensamos na influência da instituição sobre o campo, exemplificada na recente publicação *The Routledge Handbook for Global South Studies on Subjectivities* (Thies et al., 2024), organizada por pesquisadores do centro. No entanto, ao passo que um manual, por assim dizer, sobre estudos do sul global e subjetividades pode indicar uma *visão* holística sobre o campo, a ausência de aprofundamento em música e/ou som – com a exceção de um artigo cuja análise aborda tangencialmente o assunto – reitera a hegemonia problematizada por Sterne (2003).

Por fim, é importante reiterar que, ao considerar o som como método e objeto legítimo de pesquisa, encontros e reflexões, não estamos desconsiderando a importância da visão, nem mesmo elencando as epistemologias visuais como males a serem combatidos e substituídos por contrapartidas sonoras. Em última instância, os objetivos do presente trabalho são (1) reiterar a importância de uma já estabelecida bibliografia e, ao mesmo tempo, (2) para evitar a “calcificação” (Steingo; Sykes, 2019, p. 7) desta mesma bibliografia em torno de questões e práticas ocidentais, propor que os estudos de som e do sul possam se complementar.

## 2. ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Nossa abordagem metodológica combina a análise documental dos arquivos digitais do ICGSS com a observação participante da escola de verão que ocorreu em meados de 2023 como parte integrante do estudo de caso que estamos propondo. A análise documental oferece um contexto mais amplo sobre o trabalho promovido pelo centro e o espaço que pesquisadores ligados aos estudos de som (e, portanto, a própria área) ocuparam nos eventos formativos promovidos pelo mesmo (quadro 1). Para a coleta de dados da análise documental, utilizamos o site do ICGSS como plataforma básica e fonte primária de investigação<sup>1</sup>. Durante o período de setembro e outubro de 2023, examinamos os eventos promovidos pelo centro no arquivo online criado para hospedar sua memória institucional, bem como para a promoção de novos eventos. O arquivo está localizado no site do ICGSS da Universidade de Tübingen, dentro da guia “Eventos acadêmicos”<sup>2</sup>. Acessamos materiais promocionais de 62 eventos que ocorreram de 2013 a 2023; folhetos, pôsteres e programas são os materiais disponíveis neste arquivo, além de entradas de blog e anúncios publicados diretamente no site. A partir desses arquivos, têm-se um total de 32 eventos foram formativos, dentre eles, oficinas, escolas e palestras:

Numeração	Data	Título	Instituição anfitriã	Tipo	Estudos de Som?
1	10-14/07/2023	“North-South Encounters”: Towards Pluriversal Thinking: Creating Inter-Knowledges - Negotiating Proximities	UT	Escola de verão	N
2	26-30/09/2022	“North-South Encounters”: Pluriverse: Challenges of Post-Developmentalist Thought for Global South Studies	UT	Escola de verão	S
3	12/01/2022	ZONA - Positions and Protest in an Age of Depredations	UT	Oficina	N.I.
4	29/07/2021	Rethinking Well-Being in the Global South: Politics, Imaginaries and Subjectivities	UT	Oficina	N
5	12-16/07/2021	Entangled Temporalities of the Black (South) Atlantic: From the Legacy of Slavery to BLM in Africa,	UT	Escola de verão	S

<sup>1</sup> O site do ICGSS está disponível em: <https://uni-tuebingen.de/de/104823> (acessado em 12 de dezembro de 2023).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://uni-tuebingen.de/de/117202> (acessado em 12 de julho de 2023).

		Latin America and the Caribbean			
6	13/01/2020	Work in Progress	UT	Oficina	N
7	21-22/02/2019	Mediascapes of Ruined Geographies in the Global South	UT	Oficina	N
8	15-19/07/2019	Futures under Construction: Contested Subjectivities in the Global South	UT	Escola de verão	S
9	16/07/2019	Autorentreffen: Véronique Tadjo	InstitutCulturel Franco-Allemand	Palestra	N
10	18/07/2019	Homophobia in the Global South	UT	Palestra	N
11	14-16/10/2019	Trauma, Conflito e Memória na Literatura e Cultura Brasileira e Hispano-americana	UT	Escola de outono	S
12	11/11/2019	Prof. Dr. Jessé de Souza: Wissenschaft als verdeckter Rassismus	UT	Palestra	N
13	12-14/12/2019	Literatures and Cultures of Homes in the Making	UT	Oficina	N
14	10/01/2018	Catherine Mazauric: "Identités liminales et identités processives en migration"	UT	Palestra	N
15	14-15/06/2018	Tendências de mudança linguística no português atual	UT	Palestra	N
16	31/07-03/08/2018	Global Timescapes - Entangled Temporalities in the Global South	UT	Escola de verão	S
17	30-31/10/2018	After the posts, before the cataclysm: Global South literary humanities in an era of global multi-crisis	University of the Witwatersrand	Oficina	N.I.
18	11/12/2018	Nature, Activism, and the Academy	UT	Oficina	N
19	17/12/2018	Mémoire, tradition, archive, héritage, patri/matrimoine	UT	Palestra	N
20	03-04/04/2017	Southern Gaze(s) in Audiovisual Narratives	UT	Oficina	N
21	05-08/04/2017	Participatory Cultures and New Ethical Paradigms in the Global South	UT	Escola de primavera	N.I.

22	08/04/2017	Time on the Move	ICI Berlin Institute for Cultural Inquiry	Palestra	N
23	03-05/07/2017	Estudos culturais e comunicação: filme e música no Brasil contemporâneo	UT	Summer School	S
24	06/10/2017	Les Picaros d'Afrique francophone	UT	Oficina	N
25	17/11/2017	Robert Muponde: Shifting the 'We' in African Children's Literature	Institut für Auslandsbeziehungen Stuttgart	Palestra	N
26	04-06/04/2016	Fights and Flights: Repression, Resistance and Human Displacement in the Global South	UT	Oficina	N
27	25-29/07/2016	Truth Commissions and the Culture of Dissenting Memory in the Global South	UT	Escola de verão	N
28	16/09/2016	Translating South Africa: Home and Away	UT	Oficina	N
29	30/11/2016	Doing Literary Studies in a Time of Crisis	UT	Oficina	N
30	26/06/2015	Heading South? Routes beyond the Impasse of Postcolonial Studies	UT	Palestra	N
31	29/05/2015	What is the Global South?	UT	Escola de verão	N.I.
32	20/07/2015	Interpacifics and Indian Oceans: Comparative Global South Literary Worlds	UT	Oficina	N

Quadro 1 – Relação de eventos formativos organizados pelo ICGSS. Legenda: UT=Universidade de Tübingen; N=Não; S=Sim; N.I.=Não identificado. Fonte: elaboração dos autores.

Apenas sete dos 32 eventos analisados incluíram temas ou pesquisadores ligados aos estudos sonoros. No geral, os eventos priorizam cinema e literatura, oferecendo boa formação nessas áreas. Não foi possível confirmar a presença de temas de som em três eventos: *ZONA* (3), *After the posts* (17) e *Participatory Cultures* (21). O levantamento evidencia um baixo engajamento do ICGSS com à teoria ou prática do som.

É relevante considerar que arquivos online podem apresentar limitações como fonte de análise. Ben-David e Amram (2018) discutem a questão da confiabilidade das informações disponíveis na internet para cientistas sociais ou historiadores. Eles questionam se essas informações podem ser consideradas suficientemente seguras para análises aprofundadas. Os autores expandem o debate ao observarem que sistemas digitais complexos, como algoritmos

ou plataformas, são frequentemente descritos como caixas pretas que necessitam maior transparência. Ao mesmo tempo, adotam uma postura crítica quanto à abertura dessas caixas pretas, destacando a importância de analisar a produção humana envolvida, reconhecer as limitações inerentes ao ambiente digital e utilizar métodos alternativos para examinar arquivos digitais.

Adicionamos a essa problemática a potencial perda ou a falta de material relacionado a esses eventos, especialmente após longos anos de hospedagem. O sistema de armazenamento criado pelo ICGSS e hospedado na guia “Eventos Acadêmicos” é complexo e requer ação humana para sua atualização e manutenção. Tanto é assim que, como já afirmamos, não conseguimos acessar os arquivos de três eventos formativos porque seus folhetos e programas estavam fora no site – também tentamos acessar o material com pessoas que trabalhavam no ICGSS entre 2022 e 2025, mas como esses documentos foram produzidos há muitos anos, elas também não tinham acesso a eles. Isso demonstra a maior limitação que existe quando se trata de arquivos digitais (e não digitais): materiais produzidos se perdem com o passar dos anos.

A análise arquivística complementa nossa observação como participantes na escola de verão 2023, oferecendo contexto. Identificamos um aparente desinteresse do centro por estudos de som tanto nos arquivos, quanto em nossas vivências no evento.

Outro fato que influencia a qualidade interdisciplinar é a estrutura curricular do centro. O ICGSS foi criado dentro do Departamento de Filosofia da Universidade de Tübingen e sua associação mais próxima é com os departamentos de Línguas e Literatura. Embora o Comitê Diretor seja composto por membros que são professores de diferentes áreas, as ciências humanas são representadas por professores das Línguas Românicas e Anglófonas e da Faculdade de Direito. Até o momento da redação deste artigo, os cargos de presidente e vice-presidente do comitê são ocupados por professores do Departamento de Línguas Românicas. Com a exceção de um professor júnior,<sup>3</sup> nenhum dos componentes do corpo docente do centro trabalha com estudos de som em qualquer nível. Esse dado pode ser revelador ou um dos fatores que justifica o baixo interesse dos organizadores de eventos formativos em direcionar o diálogo para as áreas relacionadas ao tema.

Nossa análise inclui os departamentos ligados ao ICGSS, cujo Comitê Diretor é formado por professores de diversas áreas. As influências políticas no ICGSS são pautadas

---

<sup>3</sup>A Dra. Carola Lorea é especialista em tópicos como religião, som e teorias sensoriais. Para mais detalhes: <https://uni-tuebingen.de/fakultaeten/philosophische-fakultaet/fachbereiche/altertums-und-kunstwissenschaften/institut-fuer-religionswissenschaft/institut/personen/jun-prof-carola-lorea/#c1752094>.

pela mídia escrita e visual, com ênfase em temas literários, fotográficos e cinematográficos nos estudos sobre o sul global na Universidade de Tübingen. Em contraste, os estudos de som recebem menos destaque, sendo abordados como tema periférico e com menor número de projetos aceitos.

Eventos formativos, como palestras, escolas e oficinas, suplementam a formação de mestrandos, doutorandos e jovens pesquisadores ao promover o desenvolvimento acadêmico e incentivar novas linhas de investigação. Nessas oportunidades, também se constroem redes profissionais. Já os eventos acadêmicos regulares são menos pedagógicos e direcionados a pesquisadores que buscam orientação específica, como elaboração de artigos ou encaminhamento de pesquisas, pois já definiram seus temas de estudo.

Se os eventos formativos são espaços potencialmente mais seguros para os estudantes de pós-graduação explorarem seus interesses investigativos – incluindo o aprendizado de novos métodos científicos e a coleta de referências teóricas –, entendemos que eles devem abranger a variedade de interesses dos estudantes de pós-graduação e jovens pesquisadores associados ao ICGSS. Como podemos ver no quadro 1, apenas sete eventos formativos ofereceram um espaço de aprendizagem para aqueles que desejam trabalhar com som.

Uma abordagem acadêmica interdisciplinar é necessária para entender os países do sul global sob uma ótica pluriversal, considerando não apenas o visual, mas também outros sentidos (Chertkovskaya, 2019). Nos eventos do ICGSS, notamos pouca inclusão de pesquisas em estudos do som, que abrangem mais que música: ruído, silêncio, linguagem, leis e políticas de escuta desafiam ideias eurocêntricas de modernidade.

Na edição de 2023 da escola de verão, fomos apresentados ao conceito de pluriverso como uma categoria interdisciplinar que poderia ter aplicabilidade estendida a questões como migração e as lutas indígenas na América Latina. Os estudantes, então, deveriam refletir sobre as apresentações de professores e pesquisadores e, em diálogo com outros colegas, construir um conjunto de fotografias que seriam expostas ao final do evento. Nesta dinâmica, fomos orientados a explorar a cidade, capturando formas de proximidade, arquivos e olhares. No entanto, as fotos também guardavam uma série de possibilidades auditivas, desde o centro histórico de Tübingen até o movimento na principal estação ferroviária da cidade:



Figura 1 – Estação de trens de Tübingen. Fonte: arquivo pessoal.

Embora nossos ouvidos fossem importantes para encontrar um lugar que trouxesse as noções de proximidade, isso acabou sendo epistemologicamente reduzido ao olhar. No entanto, na figura 1, também é possível imaginar — ampliando as sugestões dos instrutores — os ruídos do ambiente, compostos por passos e vozes de diferentes pessoas; conversas em distintos idiomas, apontando a qualidade internacionalizada da cidade de Tübingen; a maquinaria e a velocidade dos trens nos trilhos; os alto-falantes anunciando chegadas e partidas; e a música produzida por artistas na rua. Tudo isso, como já provocou Schafer (2012, p. 111), é a “paisagem sonora da vida contemporânea”, isto é, formas de produzir localidades na qual a proximidade também se constitui. Além disso, nesse conceito de proximidade relacionado ao pluriverso, habitar sonoramente uma pequena cidade alemã como Tübingen não é o mesmo que integrar-se ao movimento de uma cidade brasileira. Refletir acerca dessas duas experiências, portanto, é crucial para discussões sobre o sul global, norte global e o que existe entre essas abstrações.

### 3. O PLURIVERSO E O PENSAMENTO PLURIVERSAL

Pluriverso é um conceito que foi popularizado durante os anos 1990 pelo movimento Zapatista e, mais contemporaneamente, foi resgatado pelo cientista social colombiano Arturo Escobar em seu livro *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds* (2018) – que também é apontado como referência principal teórica pelo o ICGSS e foi especialmente estudado durante a escola de verão “*North and South Encounters*” de 2023. Embora o termo tenha origem filosófica anterior, sendo utilizado pelo filósofo William James (1909) para se contrapor ao monismo – ou a ideia de que o mundo teria uma origem única –, sua apropriação nas ciências sociais por autores como Escobar (2018), Demaria et al. (2019), Chertkovskaya (2019), entre outros, transformou-o em projeto político-epistemológico que contrapõe os universalismos ocidentais.

Escobar descreve a epistemologia do conceito de *designs do pluriverso* como uma forma de desafiar a monocultura forjada pela colonialidade e as imposições do norte global que são avançadas pelo capitalismo. Os designs do pluriverso são representados pela capacidade humana de cocriar futuros a partir de diferentes contextos e princípios. A epistemologia que molda o pluriverso ganhou ainda mais força com o livro *Post-development: From the Critique of Development to a Pluriverse of Alternatives* (Demaria et al., 2019), em que ele é explicado como um quarto momento na discussão sobre o desenvolvimento da sociedade e das ciências sociais. Com uma compilação de textos de diferentes autores, o pluriverso aparece em abordagens ilustrativas e filosóficas na política global, política internacional e regional, política dos corpos, ecologia e processos de urbanização, e a transformação da sociedade por meio da cultura, das artes e do ativismo.

Demaria et al. (2019, p. xxxi-xxxxii) apontam, por meio desses textos, que a ideia do pluriverso anda de mãos dadas com a noção de desenvolvimento que ocorre tanto no norte quanto no sul global—isto é, eixos globais que possuem “implicações econômicas e geopolíticas” e que separam o mundo em potências “historicamente dominantes” e países ou grupos que foram sistematicamente explorados. Países considerados desenvolvidos seguem padrões estabelecidos por forças políticas do norte global, que determinam conceitos hegemônicos de progresso, como modernização, urbanização e avanço tecnológico. Essas diretrizes são impostas por nações ricas cuja influência permanece no cenário atual (Demaria et al., 2019). A divisão Norte-Sul, surgida após a Guerra Fria, simplifica excessivamente as realidades das sociedades. O conceito de pluriverso propõe superar essa visão binária, rejeitando perspectivas homogêneas e racistas sobre desenvolvimento. Para entender as dinâmicas globais, é fundamental adotar uma abordagem interdisciplinar, já praticada por diversos movimentos sociais, como *buenvivir*, decrescimento, feminismos radicais, *ubuntu* e economia solidária (Demaria et al., 2019).

No contexto acadêmico das ciências sociais, para ir contra a narrativa dominante desenvolvimentista, é necessário traçar estratégias de “desobediência epistêmica” – termo cunhado por Mignolo (2008) – e construir todas as pontes possíveis entre a interdisciplinaridade na produção de conhecimento. É preciso, portanto, decolonizar o conhecimento, descentralizando-o da norma eurocêntrica. Por exemplo, o conceito de *buenvivir* é uma das expressões concretas do pluriverso: uma construção de matriz indígena que se concentra no bem-estar coletivo entre as pessoas e a natureza, na construção de

políticas sociais e econômicas comunitárias sem foco na exploração e na predação (Acosta; Abarca, 2018).

Outro exemplo do pluriverso está na análise que Gloria Anzaldúa realiza sobre a questão racial nas Américas; resultante resultado do choque de culturas, ressaltando que a raça está baseada na mestiçagem e não pode ser limitada por fronteiras. Ela propõe o *nepantlismo*, conceito derivado do termo asteca *nepantla*, como forma de desafiar construções hegemônicas e valorizar a intermediação e os contrastes culturais.

A cultura mestiça não deveria, para a autora, excluir as noções de desenvolvimento provenientes do norte, ou o desenvolvimentismo branco; ela propõe sua compreensão, pois isso também afeta as realidades não brancas e do sul. A subjetividade da mestiça é um mecanismo de enfrentamento para viver na encruzilhada, nas fronteiras. Portanto, Anzaldúa propõe uma aliança que reconheça e se aproprie das diferenças. Pensar a partir das fronteiras é usar a razão aprendida com realidades que podem divergir umas das outras e, através disso, construir uma compreensão do mundo mais complexa e em contato com a realidade de muitas existências nas fronteiras. É, de certa forma, o que o pluriverso também defende ideologicamente.

Outra perspectiva que se assemelha a tal, proveniente do contexto indígena, são as “alianças afetivas”, como proposto por Ailton Krenak (2022, p. 42). Ao invés de ter a *igualdade* como motor de *liberdade e fraternidade*, o reconhecimento das diferenças é entendido como ponte entre mundos. Somente dessa forma, escreve ele, “é possível conjugar o ‘mundar’, verbo que expressa a potência de experimentar outros mundos, abrindo-se assim a outras cosmovisões e imaginando pluriversos” (Krenak, 2022, p. 42).

O pluriverso requer diversidade e encontros entre saberes distintos, negando fronteiras fixas ao mesmo tempo que as utiliza para enriquecer a discussão sobre o desenvolvimento social e as políticas do ser. Defendemos que os estudos de som têm igual relevância às perspectivas audiovisuais e literárias, merecendo atenção como elemento essencial do pluriverso.

#### 4. OUVIDO(S) PENSANTE(S)

Atualmente, alguns dos principais tópicos abordados nos estudos de som incluem o impacto dos fenômenos acústicos nos hábitos cotidianos, como ouvir música no ambiente doméstico, profissional ou religioso. Das canções de trabalho compostas por escravizados nas Américas ao ruído dos grandes centros urbanos, o som oferece uma forma importante de

investigar dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas da vida em sociedade (e fora dela). Ele molda grupos, influenciando a política, a rotina em metrópoles, e as artes. Música, ruído ou silêncio são uma grande parte de nossas vidas diárias e influenciam a saúde e o bem-estar das pessoas em todo o mundo (Trotta, 2020).

De acordo com Jonathan Sterne (2012), a dimensão auditiva oferece uma fonte teórica e metodológica que pode ser tanto um ponto de partida quanto um ponto de chegada para uma pesquisa. Diante disso, seria necessário ouvir e descrever “o que o som faz no mundo humano e o que os humanos fazem no mundo sonoro” (Sterne, 2012, p. 2, tradução nossa). Como afirma Ochoa Gautier (2014, p. 13), essa área — refratada por campos como antropologia, estudos de mídia e musicologia — tenta superar o chamado “ocularcentrismo”, no qual a visão se torna um “sentido privilegiado para a percepção e para as ideias sobre o sujeito e sua relação com o conhecimento e o mundo”. Um território fértil para os estudos de som é a nossa relação com a alteridade. Dentro disso, incluem-se sonoridades daquilo que se denomina “natureza” (animais, chuva, neve, florestas etc.) e ações contrárias (mineração, desmatamento, construções, demolições, concertos musicais em parques e festas em florestas, por exemplo).

Ochoa Gautier (2016, p. 125-126), por exemplo, defende que o som oferece uma via de análise sensorial que dilui barreiras urbanas e rurais e expande o que significa “meio ambiente” ou “natureza”:

A ecologização do som está intimamente associada à noção de que a música, o som e a audição são entendidos como aquilo que resolve politicamente a separação entre a natureza e o ser humano ou as relações conflituosas entre os seres humanos, entendidas como parte da crise ecológica. Isso corresponde a uma conceituação da música como aquilo que produz comunidade e da audição como a sutura tão necessária para as relações rompidas tanto entre os seres humanos quanto entre os seres humanos e o meio ambiente. A música, nessas narrativas, produz a união de um grupo por meio do feedback entre a cultura, tal como reside em objetos específicos (como a música), e a cultura como constitutiva do social como tal. Nesse feedback, a comunidade é entendida como aquilo que é produzido pela relação entre identidade (como a dimensão social da música) e representação (como aquilo que o objeto cultural proporciona).

Igualmente, o ruído surge de maneira inevitável no campo dos estudos de som, que se esforça para compreender “modos de resistência multimodais (...) e dinâmicas de poder inerentes às nossas estratégias de escuta” (Rummage, 2025, s/p). Em contextos de guerra, ruído e som, entendidos respectivamente no senso comum como ordem e desordem acústica, misturam-se e são instrumentalizados por diversos atores, como os “gritos de uma criança” ou o “zumbido rotineiro dos drones”. O relato cru descrito por Mikaila Rummage, desenvolvido através de etnografia digital sobre a Palestina, ilustra como diferentes modos de escuta e

criação de som moldam territorialidades, contribuindo para a crise humanitária vivida atualmente em diversos lugares do mundo.

A partir do campo da comunicação e das artes, Hainge (2013, p. 8) propõe uma “ontologia do ruído”, na qual o *chiado* – uma terminologia corrente em publicações anglófonas e lusófonas, a exemplo de Katz (2004) e Schettert (2025) – dos fonogramas, da televisão e do som seria um símbolo de relacionalidade, acrescentando a isso exemplos do século XX, como as obras de John Cage<sup>4</sup> e Luigi Russolo<sup>5</sup>. Kromhout (2021, p. 71), por outro lado, posiciona-se contra a chamada “lógica da redução de ruído”, ilustrada pelas inúmeras (e quase sempre frustradas) tentativas adotadas por empresas de tecnologia, audiófilos e multinacionais da música de criar um som “limpo” ou “real”. Em contraste a isso, ele propõe a “lógica da filtragem” (Kromhout, 2021, p. 126): tendo em vista que aparatos tecnológicos ou simbólicos mediam o dia a dia e aquilo que entendemos como *realidade*, o conceito aponta que os filtros são parte indissociável da apreciação estética. Ou seja, mesmo que uma voz esteja livre de equalização e outros efeitos como *delay*<sup>6</sup>, *reverb*<sup>7</sup>, ou compressão<sup>8</sup>, o tipo de microfone, a forma de captura, e os distintos modos de escuta (*loudspeakers*, *home theaters*, fones de ouvido, amplificadores de automóveis etc.) moldam a reprodução e fruição daquela voz.

Os estudos de som buscam negociar tanto conteúdos quanto formas narrativas, utilizando experimentos em voz, música e vibração, etnografias sonoras (Chandola, 2012) e artigos em áudio (Cichocki, 2019). Enquanto a escrita sonora transforma dados acústicos, as etnografias sonoras apresentam vinhetas que envolvem o leitor; já os artigos de áudio combinam gravações de voz, descrições científicas e elementos radiofônicos.

O trabalho do antropólogo e produtor Piotr Dang Cichocki é um bom exemplo: em uma de suas publicações, música, tecnologia e questões religiosas se entrelaçam no trabalho

<sup>4</sup> Uma das obras mais famosas de Cage é 4’33, na qual musicistas permanecem em silêncio pelo tempo estabelecido no título. No esforço de desconstruir o que seria música “erudita”, a obra provoca uma abertura aos sons e/ou ruídos que vêm de fora do tradicional espaço musical, como o entorno urbano e a própria plateia. Existem diversas interpretações da obra na internet, a exemplo de: [https://www.youtube.com/watch?v=AWVUp12XPpU&list=RDAWVUp12XPpU&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=AWVUp12XPpU&list=RDAWVUp12XPpU&start_radio=1).

<sup>5</sup> Parte do movimento futurista italiano, Luigi Russolo (1885-1947) escreveu o manifesto A Arte dos Ruídos. No texto, Russolo argumenta que o ruído (das máquinas e da guerra, por exemplo) não deveria ser visto como algo indesejado. Na verdade, a música instrumental e os artistas deveriam adotá-lo enquanto a maior expressão artística do século XX. Disponível em: <https://zenodo.org/record/584158/files/RussoloL.%20%5B2014%5D%20A%20arte%20dos%20ru%CC%81dos%2C%20manifesto%20futurista.pdf>.

<sup>6</sup> Um efeito que repete o som original após um intervalo de tempo definido.

<sup>7</sup> Simula a reverberação natural de um ambiente físico (salas, igrejas, estúdios).

<sup>8</sup> Um efeito de dinâmica, não espacial. Ele controla a diferença entre sons mais altos e mais baixos.

do Tonga Boys, do Malawi. Lidando com um cenário “dominado pela música gospel eletrônica” (Cichocki, 2019, p. 1), o grupo mistura referências do *vimbuzá* – termo que abarca uma infinidade de ritmos ligados aos cultos de possessão – e técnicas de gravação desenvolvidas em estúdios fora dos grandes centros da capital. Segundo Cichocki, essa prática musical revela conexões entre tecnologia, espiritualidade e hierarquias sociais no país, além de evidenciar conflitos entre influências coloniais e tentativas de superar a hegemonia política pós-colonial.

Frantz Fanon, por sua vez, ilustra o poder do som em um cenário pré-independência e na formação de identidade(s) nacional(is) na Argélia. Nos anos 1950, o rádio florescia à revelia da vigilância francesa, presente, quase sempre, na mídia escrita. Nesse sentido, “a grande maioria dos argelinos identificava tudo o que era escrito em francês como expressão da dominação colonial” (Fanon, 2012, p. 329). Com o primeiro aparelho de rádio em 1955, no entanto, os argelinos puderam obter “notícias da Revolução de fontes não francesas” (Fanon, 2012, p. 239). A partir de 1956, o rádio ganha força com o programa *The Voice of Fighting Algeria* e se estabelece nos centros urbanos e em áreas remotas, criando um senso de comunidade que enfraquece a supremacia simbólica colonial e desenvolve a primeira ideia de uma nação autônoma e com liberdade para transmitir programas em cabiliano e árabe.

Entretanto, pouco tempo depois o governo francês decide abolir o programa e o comércio de rádios portáteis, além de introduzir o chiado nas ondas de rádio com o fim de bloquear a Rádio Argélia Livre — sendo, aqui, portanto, uma ferramenta de controle. No entanto, *A Voz da Argélia em Luta* (em uma tradução livre para o português) continuou explorando comprimentos de onda (3 kHz a 300 GHz) não ocupados pelos inimigos e manteve sua presença como um programa pirata com uma voz ruidosa, ouvida apenas por pessoas selecionadas cujo trabalho era manter o rádio perto dos ouvidos, decifrar a mensagem e compartilhar as informações com outras pessoas. “Foi o poder da sabotagem inimiga que enfatizou a realidade e a intensidade da expressão nacional” (Fanon, 2012, p. 332). Para o ouvinte argelino, o esforço de decifrar a voz em meio ao ruído era, em si, um ato de participação revolucionária.

Fanon (2012) indica que esse fenômeno não é, em si, uma novidade, sendo semelhante às técnicas de comunicação contra o regime nazista na Segunda Guerra Mundial. No entanto, na Argélia, era possível observar aspectos especiais. O autor destaca: “houve a libertação do instrumento de seu tradicional fardo [autoimposto] de tabus e proibições”, já que os argelinos não demonstravam, segundo ele, qualquer receio em abraçar a nova mídia. Dessa forma, a

aceitação do rádio foi rápida e esse “instrumento não só adquiriu uma categoria de neutralidade, mas foi dotado de um coeficiente positivo” (p. 333).

Chandola (2012, p. 392) examina Govindpuri, bairro de Delhi formado por uma grande favela próxima a um condomínio de classe média, analisando a relação entre espaço, gênero e comunidade. Por meio da “escuta das escutas”, compara percepções de música, silêncio e ruído: moradores da classe média sentem-se incomodados pelos sons da periferia e associam sua busca por silêncio a uma ideia de superioridade musical e social. Ali, o silêncio está relacionado, também, à desorientação em experiências externas:

nas ocasiões em que um grupo de mulheres recebeu permissão para sair de Govindpuri, sua experiência não foi nada agradável. Entrevistei dois grupos de mulheres que visitaram um shopping center e um cinema nas proximidades e viajaram no metrô de Delhi em ocasiões diferentes. Ambos os grupos acharam a experiência desorientadora. Elas não conseguiram se envolver com os ambientes sonoros “barulhentos”. Não era uma questão de volume, mas sim de linguagem (Chandola, 2012, p. 402).

Em Govindpuri, o ambiente sonoro afeta relações sociais, trabalho e lazer. A autora, com perspectiva de classe média, reconhece seu envolvimento nesse contexto (Chandola, 2012).

Em paralelo, também analisando a dinâmica do som em uma cidade, Quintero examina a cidade colombiana de Buenaventura, a partir do sistema de som amplificado (*picós*). O autor acompanha “as práticas de alto volume para revelar como elas exemplificam as noções locais de constituintes políticos, ação política, experiências de soberania e abjeção e a própria personalidade” (Quintero, 2019, p. 135). Estudar o som e o volume, argumenta, é compreender a dinâmica política de uma cidade, um estado ou um país. O volume é uma ferramenta para a ocupação física do espaço público através da energia acústica. As ondas sonoras de baixa frequência (graves), que requerem alta intensidade física para serem percebidas com a mesma sonoridade que os agudos, têm a capacidade de atravessar paredes e vibrar corpos. Ele é, portanto, um instrumento político.

O volume também pode envolver emoções, criar inquietação e uma sensação de confusão e, ao mesmo tempo, trazer uma sensação de comunidade e pertencimento. Ele funciona como territorialidade sônica ao reivindicar presença onde a presença visual é negada ou vigiada. Para o autor, “os estudos de som do sul global não podem conceber atores ou constituintes sonoros nos mesmos termos das filosofias políticas liberais do norte” (Quintero, 2019, p. 135). Assim, enquanto legado político, os estudos de som devem trabalhar em prol de

conceptualizações que deem conta do volume e de seu poder nos países do sul global e em suas disputas de territorialidade.

Ventura (2022), por sua vez, acrescenta camadas temporais e literárias a essa discussão. O autor investiga a formação auditiva do Nordeste brasileiro, liderada por escritores e músicos entre 1910 e 1950. O Nordeste tem sido ouvido e entendido há muito tempo como a periferia do Brasil; sinônimo de formas arcaicas de trabalho e industrialização (em comparação com o Sudeste do país) e, ao mesmo tempo, responsável pela existência de grandes gêneros musicais tradicionais, como o forró e o maracatu. Do ponto de vista histórico, o trabalho de arquivamento de Ventura chama a atenção para as produções estéticas dos grandes proprietários de fazendas e seus herdeiros intelectuais. Nas narrativas auditivas – sejam elas desenvolvidas em livros ou álbuns musicais –, o Nordeste é expresso como uma entidade sempre no passado, cujos cantos dos vaqueiros e guinchos das carroças de bois devem ser protegidos contra a perigosa modernização dos shows de jazz, das orquestrações do cinema e dos ruídos dos bondes. Em outras palavras, construindo universos novos, embora conservadores, essas obras entrelaçam memória, classe e raça. É válido ressaltar que a abordagem crítica de Ventura também acrescenta métodos pouco ortodoxos à investigação, revelando suas estruturas não-visuais e levando a resultados científicos diferentes. Esse exemplo demonstra que a leitura vem acompanhada, quase sempre, de uma experiência auditiva, vocal e sonora, muitas vezes ignorada pelos críticos.

As descrições apresentadas aqui ilustram diferentes maneiras de lidar com o som dentro de uma estrutura pluriversal, composta por locais diversos e opostos e ao longo de vários períodos. Em meio a turbulências políticas, religiosas e coloniais, o som aparece como uma fonte produtiva de escrutínio e resistência. Nas palavras de Steingo e Sykes (2019, p. 25), é necessário ouvir “para e a partir do Sul, com o objetivo de resistir à convergência involuntária da narrativa centrada no Norte dos estudos de som e das cartografias cada vez mais mutiladoras do capital racial”. Dessa forma, para compreender as dinâmicas de poder globais, é necessário abraçar todo o pluriverso e não apenas partes dele.

## 6. CONCLUSÕES

Neste artigo, defendemos que, embora existam importantes contribuições investigativas sobre o som nos estudos do sul global, certos espaços de formação de pesquisadores, como o ICGSS da Universidade de Tübingen, não vêm privilegiando essa interseção científica. Por meio de análise crítica dos eventos formativos promovidos por esta

instituição, identificamos que, apesar de seu compromisso com o pensamento pluriversal, há uma predominância das mídias visuais e literárias em suas atividades. Essa “litanias audiovisual” (Sterne, 2003, p. 9) restringe o alcance da produção acadêmica e contraria os princípios de interdisciplinaridade e de descolonização do conhecimento subjacentes ao conceito de pluriverso.

Nossa análise se sustentou em três frentes. A investigação arquivística do site do ICGSS revelou que, entre 2015 e 2023, apenas sete dos 32 eventos formativos ofereceram espaço para pesquisas no campo sonoro. Nossa participação na escola de verão de 2023 evidenciou uma lacuna: ao priorizar apenas a produção fotográfica, negligenciou-se o papel das paisagens sonoras, essenciais para ampliar as noções de proximidade e encontros. Essa exclusão reflete a estrutura do centro, fortemente vinculada à Literatura, o que limita o interesse por outras dimensões sensoriais. Assim, defendemos que tal ausência não é mera omissão curricular, mas uma falha epistemológica que priva a experiência humana e não humana de uma dimensão fundamental e ignora debates políticos relevantes ao pensamento pluriversal.

Durante nossa trajetória de pesquisa, termos como decolonialidade, epistemologias e/ou estudos do sul global, e o já descrito pluriverso aparecem para embasar não apenas um esforço acadêmico, mas um compromisso prático – senão político – com nossos territórios de origem (mesmo que não estejamos mais baseados neles). Desse modo, na sua terceira parte, o presente artigo buscou pensar o som não como algo inerente ao Sul, mas como dinâmicas que acontecem *no* e *do* Sul. Em outras palavras, indo ao encontro do trabalho de Steingo e Sykes (2019, p. 4), almejamos evitar binarismos entre sonoridades e visualidades, dando espaço a “ontologias sonoras, processos e ações diversos que cumulativamente compõem a história do som na modernidade”. Isto é, de forma não linear e em fricção.

Embora esta análise se concentre no ICGSS, os padrões identificados dialogam com debates mais amplos sobre o imperialismo acadêmico (Alatas, 2003) e a colonialidade do saber, sem pretender generalizações empíricas para todas as instituições. A interdisciplinaridade precisa ser multissensorial. Isso implica não apenas em convidar mais pesquisadores que trabalham com som, mas em repensar as próprias práticas pedagógicas. Os eventos formativos, por seu papel crucial na inspiração de jovens pesquisadores, são espaços privilegiados para essa mudança. A inclusão de metodologias como etnografias sonoras, produção de artigos em áudio ou a simples tarefa de realizar uma caminhada sonora crítica pode abrir novos caminhos investigativos e atrair uma gama mais diversa de acadêmicos. Para

escutar o sul global em toda a sua complexidade, resistindo às cartografias mutiladoras do capital racial e do colonialismo, é imperativo afinar nossos ouvidos. Afinal, um mundo de alternativas, como o pluriverso defende, só pode ser plenamente imaginado e construído quando nos dispomos a escutá-lo atentamente.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, A.; MARTÍNEZ, A. M. Buen Vivir: an alternative perspective from the peoples of the Global South to the crisis of capitalist modernity. In: SATGAR, V. (ed.). **Climate crisis: South African and global democratic eco-socialist alternatives**. Johannesburg: Wits University Press, 2018. p. 131-147.

ALATAS, Syed Farid. Academic Dependency and the Global Division of Labour in the Social Sciences. **Current Sociology**, v. 51, n. 6, p. 599–613, nov. 2003.

ANZALDUÁ, G. **Borderlands: the new mestiza = La frontera**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BEN-DAVID, A.; AMRAM, A. The Internet Archive and the socio-technical construction of historical facts. **Internet Histories**, v. 2, n. 1–2, p. 179–201, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/24701475.2018.1455412>.

CHANDOLA, T. Listening into others: moralising the soundscapes in Delhi. **International Development Planning Review**, v. 34, n. 4, p. 391–408, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3828/idpr.2012.24>.

CHERTKOVSKAYA, E. Ecology of culture. In: KOTHARI, A.; SALLEH, A.; ESCOBAR, A. et al. (org.). **Pluriverse: a post-development dictionary**. New Delhi: Tulika Books, 2019.

CICHOCKI, P. Production of sound, production of knowledge. **Seismograf**, n. 23, p. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.48233/seismograf2303>.

DEMARIA, F.; KOTHARI, A.; SALLEH, A.; ESCOBAR, A. et al. Post-development: from the critique of development to a pluriverse of alternatives. In: VILLAMAYOR-TOMAS, S.; MURADIAN, R. (eds.). **The Barcelona School of Ecological Economics and Political Ecology**. Cham: Springer International Publishing, 2023. p. 59–69. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-3-031-22566-6\\_6](https://doi.org/10.1007/978-3-031-22566-6_6).

ESCOBAR, A. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

FANON, F. This is the voice of Algeria. In: STERNE, J. (ed.). **The sound studies reader**. New York: Routledge, 2012. p. 329–335.

HAINGE, G. **Noise matters: towards an ontology of noise**. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

JAMES, W. **A Pluralistic Universe**. Hibbert Lectures at Manchester College on the Present Situation in Philosophy. Lincoln, London: University of Nebraska Press, 1996 [1909].

KATZ, Mark. **Capturing sound: how technology has changed music**. Berkeley: University of California Press, 2004.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KROMHOUT, M. **The logic of filtering: how noise shapes the sound of recorded music**. New York: Oxford University Press, 2021.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, 2008, p. 287-324.

OCHOA GAUTIER, A. M. **Aurality: listening and knowledge in nineteenth-century Colombia**. Durham: Duke University Press, 2014.

OCHOA GAUTIER, A. M. O. Acoustic multinaturalism, the value of nature, and the nature of music in ecomusicology. **Boundary 2**, v. 43, n. 1, p. 107–141, 2016.

QUINTERO, M. B. Loudness, excess, power: a political liminology of a global city of the South. In: GAVIN, S.; SYKES, J. (eds.). **Remapping sound studies**. Durham; London: Duke University Press, 2019.

RUMMAGE, Mikaila. “Resonant Refusal: Gaza’s Signals of Survival.” **Anthropology News** website, June 13, 2025. Disponível em: <https://www.anthropology-news.org/articles/resonant-refusal-gazas-signals-of-survival/#citation>. Acesso em 04 set. 2025.

SCHETTERT, Michel. José Luiz Sasso: A reconstituição do som de Deus e o Diabo na Terra do Sol. **Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 14, n. 1, 10 jul. 2025.

SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

STEINGO, G.; SYKES, J. **Remapping sound studies**. Durham; London: Duke University Press, 2019.

STERNE, J. **The sound studies reader**. New York: Routledge, 2012.

THIES, Sebastian; GOUMEGOU, Susanne; CEBEY, Georgina (ORGS.). **The Routledge handbook for Global South studies on subjectivities**. London New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2024.

TROTTA, F. Annoying music in everyday life. In: \_\_\_\_\_. **Alternate takes: critical responses to popular music**. New York: Bloomsbury Academic, 2020.

VENTURA, L. C. **A trama dos sons: a invenção de um arquivo sonoro para o Nordeste (1910-1950)**. Teresina: Cancioneiro, 2022.

***Beatriz Medeiros***

Beatriz Medeiros é investigadora pós-doutoral do Núcleo Milênio em Culturas Musicales y Sonoras (CMUS) e da Universidad Mayor de Santiago do Chile. Ela é doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Estudos Culturais pela Universität Tübingen e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente pesquisa formação de identidades subculturais em espaços digitais a partir de comunidades musicais.

***Luiz Ribeiro Fonseca***

Luiz Ribeiro Fonseca é artista sonoro, jornalista e doutorando no Institute for Creative Futures - Loughborough University London. Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF), em Niterói-RJ, e no Interdisciplinary Centre for Global South Studies (ICGSS), da Universidade de Tübingen, onde pesquisou as relações entre Indústria Fonográfica e Maracatu no início do século XX. Atualmente, investiga a intersecção entre crise climática, som e Antropoceno.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional